

LEÏLA SLIMANI CANÇÃO DE NINAR

Tradução

Sandra M. Stroparo

TUSQUETS
EDITORES

Copyright © Éditions Gallimard, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.
Título original: *Chanson douce*

Preparação: Mariana Delffini
Revisão: Ana Lima Cecilio e Maitê Zickular
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Abreu's System
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Companhia
Imagem de capa: Marie Carr/Arcangel

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S642c Slimani, Leïla Canção de ninar / Leïla Slimani; tradução Sandra M. Stroparo. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2018. Tradução de: Chanson douce ISBN: 978-85-422-1203-7 1. Ficção francesa. I. Stroparo, Sandra M. II. Título. 17-45305 CDD: 843 CDU: 821.133.1-3
--

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2018 de l'Institut Français du Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2018 do Instituto Francês do Brasil, contou com o apoio do Ministério Francês da Europa e das Relações Exteriores.

**INSTITUT
FRANÇAIS**
BRASIL



2018
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 - 21º andar
Ed. Horsa II - Cerqueira César
01411-000 - São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Émile

A senhorita Vezzis veio do outro lado da Fronteira para cuidar de algumas crianças que eram de uma senhora. A senhora disse que a senhorita Vezzis era uma babá ruim, suja e desatenta. Ela nunca pensou que a senhorita Vezzis tivesse sua própria vida para levar e seus próprios problemas com que se preocupar, e que esses problemas eram a coisa mais importante do mundo para a senhorita Vezzis.

RUDYARD KIPLING, "His chance in life",
Plain tales from the hills

* * *

"Compreende, será que compreende, meu caro senhor, o que significa não se ter mais para onde ir?" – lembrou-se num átimo da pergunta feita ontem por Marmieládov –, porque é preciso que toda pessoa possa ir ao menos a algum lugar...

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI,
Crime e castigo

O bebê está morto. Bastaram alguns segundos. O médico assegurou que ele não tinha sofrido. Estenderam-no em uma capa cinza e fecharam o zíper sobre o corpo desarticulado que boiava em meio aos brinquedos. A menina, por sua vez, ainda estava viva quando o socorro chegou. Resistiu como uma fera. Encontraram marcas de luta, pedaços de pele sob as unhas molinhas. Na ambulância que a transportava ao hospital ela estava agitada, tomada por convulsões. Com os olhos esbugalhados, parecia procurar o ar. Sua garganta estava cheia de sangue. Os pulmões estavam perfurados e a cabeça tinha batido com violência contra a cômoda azul.

Fotografaram a cena do crime. A polícia colheu digitais e mediu a área do banheiro e do quarto das crianças. No chão, o tapete de princesa estava empapado de sangue. O trocador estava meio virado. Os brinquedos foram levados em sacos transparentes e lacrados. Até a cômoda azul será usada no processo.

A mãe estava em choque. Foi o que disseram os bombeiros, o que repetiram os policiais, o que escreveram os jornalistas. Ao entrar no quarto onde jaziam os filhos, ela soltou um grito, um grito das profundezas, um uivo de loba. As pa-

redes tremeram. A noite se abateu sobre esse dia de maio. Ela vomitou e a polícia a descobriu assim, com a roupa suja, agachada no quarto, soluçando como uma desvairada. Ela uivou até arrebentar os pulmões. O enfermeiro fez um sinal discreto com a cabeça e eles a ergueram, apesar de sua resistência, de seus chutes. Eles a levantaram devagar e a jovem residente do SAMU lhe deu um calmante. Era seu primeiro mês de estágio.

Também foi preciso salvar a outra. Com o mesmo profissionalismo, com objetividade. Ela não soube morrer. Ela só soube provocar a morte. Ela seccionou os dois pulsos e cravou a faca na garganta. Perdeu a consciência ao pé do berço. Eles a colocaram em pé, tomaram seu pulso e sua pressão. Eles a puseram na maca e a jovem estagiária comprimiu seu pescoço com a mão.

Os vizinhos se reuniram na frente do prédio. Principalmente as mulheres. É quase hora de ir buscar as crianças na escola. Elas olham a ambulância com os olhos inchados de lágrimas. Choram e querem saber. Ficam na ponta dos pés. Tentam descobrir o que acontece atrás do cordão de isolamento, no interior da ambulância que arranca com todas as sirenes ligadas. Cochicham informações umas para as outras. O rumor já corre. Algo de ruim aconteceu com as crianças.

É um belo prédio da rue d'Hauteville, no décimo *arrondissement*. Um prédio onde os vizinhos se cumprimentam, sem se conhecer, com bons-dias calorosos. O apartamento dos Massé fica no quinto andar. É o menor apartamento do edifício. Paul e Myriam ergueram uma divisória no meio da sala quando o segundo filho nasceu. Eles dormem em um cômodo apertado, entre a cozinha e a janela que dá para a rua. Myriam gosta de móveis chineses e tapetes marroquinos. Na parede, ela pendurou gravuras japonesas.

Hoje ela voltou mais cedo. Encurtou uma reunião e deixou para o dia seguinte a análise de um dossiê. Num assento retrátil no metrô da linha 7, ela pensava em fazer uma surpresa para os pequenos. Chegando, passou na padaria. Comprou uma baguete, uma sobremesa para as crianças e um bolinho de laranja para a babá. O favorito dela.

Pensava em levá-los ao carrossel. Eles iriam juntos fazer as compras para o jantar. Mila pediria um brinquedo, Adam chuparia uma casquinha de pão sentado no carrinho.

Adam está morto. Mila não vai resistir.

— Não quero uma imigrante ilegal, tudo bem? Pra zeladora ou pintor, isso não me incomoda. Essas pessoas precisam trabalhar, mas pra cuidar das crianças é perigoso demais. Não quero alguém que tenha medo de chamar a polícia ou de ir ao hospital se precisar. De resto, não muito velha, que não use véu e que não fume. O importante é que seja ativa e disponível. Que trabalhe pra que a gente possa trabalhar.

Paul preparou tudo. Montou uma lista de perguntas e calculou trinta minutos de entrevista. Separaram um sábado para encontrar uma babá para suas crianças.

Alguns dias antes, quando Myriam conversava sobre sua busca por uma babá com uma amiga, Emma, esta se queixou da mulher que cuidava de seus meninos.

— A babá tem dois filhos aqui, acaba que ela nunca pode ficar até mais tarde ou vir de vez em quando no final de semana. Não é muito prático. Pense nisso quando fizer as entrevistas. Se ela tiver filhos, é melhor que eles não estejam na França.

Myriam tinha agradecido o conselho. Mas, na verdade, tinha ficado incomodada com a conversa de Emma. Se um empregador tivesse falado dela ou de uma amiga dessa maneira,

elas teriam alegado discriminação. Achava terrível a ideia de descartar uma mulher por ela ter filhos. Melhor não levantar o assunto com Paul. Seu marido é como Emma. Pragmático, coloca a família e a carreira antes de tudo.

Nessa manhã, foram ao mercado em família, os quatro. Mila nos ombros de Paul, e Adam dormindo no carrinho. Compraram flores e agora arrumam o apartamento. Querem fazer bonito para as babás que vão até lá. Juntam os livros e as revistas que estão no chão, embaixo da cama e até no banheiro. Paul pede a Mila para arrumar seus brinquedos em grandes caixas de plástico. A menininha reclama, choraminga, e é ele quem acaba por empilhá-los junto à parede. Dobram as roupas das crianças, trocam os lençóis. Limpam, jogam, procuram desesperadamente arejar o apartamento que os sufoca. Eles queriam que elas os considerassem gente de bem, pessoas sérias e organizadas que tentam dar aos filhos apenas o melhor. Queriam que elas entendessem que eles são os patrões.

Mila e Adam tiram uma soneca. Myriam e Paul estão sentados na beira da cama. Ansiosos e incomodados. Nunca confiaram as crianças a ninguém. Myriam estava terminando o curso de Direito quando ficou grávida de Mila. Formou-se duas semanas antes de dar à luz. Paul somava um estágio ao outro, cheio do otimismo que seduzira Myriam quando ela o conheceu. Ele tinha certeza de que poderia trabalhar por dois. Tinha certeza de que ia fazer sua carreira na produção musical, apesar da crise e das restrições de orçamento.

Mila era um bebê frágil, irritável, que chorava sem parar. Ela não ganhava peso, recusava o peito da mãe e as mamadeiras que o pai preparava. Debruçada sobre o berço, Myriam tinha

até esquecido o mundo lá fora. Suas ambições se limitavam a fazer aquela filha magrinha e chorona ganhar alguns gramas. Os meses passavam sem que ela se desse conta. Paul e ela nunca se separavam de Mila. Eles fingiam não notar que seus amigos se aborreciam e diziam pelas costas que bar ou restaurante não é lugar para um bebê. Mas Myriam não queria nem ouvir falar em *baby-sitter*. Só ela era capaz de responder às necessidades da filha.

Mila tinha só um ano e meio quando Myriam engravidou de novo. Ela sempre repetia que tinha sido um acidente.

— A pílula nunca é cem por cento — dizia, rindo, às amigas.

Na verdade, tinha premeditado a gravidez. Adam foi uma desculpa para ela não deixar a tranquilidade do lar. Paul não fez nenhuma ressalva. Acabava de ser contratado como assistente de som em um estúdio renomado, onde passava as noites e os dias, refém dos caprichos dos artistas e de como eles gastavam o tempo. Sua mulher parecia se encontrar nessa maternidade animal. Essa vida de casulo, longe do mundo e dos outros, os protegia de tudo.

E então o tempo começou a parecer longo, a perfeita mecânica familiar foi arranhada. Os pais de Paul, que estavam acostumados a ajudá-los desde o nascimento da menina, passavam cada vez mais tempo na casa de campo, onde tinham iniciado uma grande reforma. Um mês antes do parto de Myriam, programaram uma viagem de três semanas para a Ásia e só avisaram Paul no último minuto. Ele ficou chateado, queixando-se a Myriam do egoísmo dos pais, de sua levianidade. Mas Myriam estava aliviada. Ela não aguentava Sylvie no seu pé. Ouvia sorrindo os conselhos da sogra, engolia em seco quando a via mexer na geladeira e criticar os alimentos que encontrava. Sylvie comprava saladas orgânicas. Preparava a refeição de Mila, mas deixava a cozinha uma imundí-

cie. Myriam e ela nunca concordavam em nada e reinava no apartamento um mal-estar denso, fervilhante, que ameaçava a cada segundo explodir em uma luta aberta.

— Deixe seus pais viverem a vida deles. Eles têm razão de aproveitar, agora que estão livres — Myriam acabou dizendo a Paul.

Ela não tinha ideia do que viria. Com duas crianças, tudo ficou mais complicado: fazer compras, dar banho, ir ao médico, fazer a faxina. As contas se acumularam. Myriam ficou sombria. Começou a detestar as saídas ao parque. Os dias de inverno pareceram intermináveis. Os caprichos de Mila a irritavam, os primeiros balbucios de Adam lhe eram indiferentes. Ela sentia cada dia um pouco mais a necessidade de ficar sozinha e tinha vontade de gritar como uma louca na rua. *Eles me devoram viva*, pensava, às vezes.

Invejava o marido. À noite, esperava ansiosa atrás da porta. Passava uma hora se queixando dos gritos das crianças, do tamanho do apartamento, da falta de distrações. Quando ela o deixava falar e ele contava as sessões de gravação épicas de um grupo de hip-hop, ela replicava:

— Você tem sorte.

— Não, você é que tem sorte. Eu queria muito ver eles crescerem — ele respondia.

Nesse jogo, nunca havia vencedor.

À noite, ao lado, Paul dormia o sono pesado de quem trabalhou o dia inteiro e merece descanso. Ela se roía de amargura e arrependimento. Pensava nos esforços que tinha feito para terminar os estudos, apesar da falta de dinheiro e da ajuda da família, na felicidade que sentira ao ser admitida na Ordem, na primeira vez que usara a beca de advogada, que Paul tinha fotografado, ela na frente da porta do prédio, orgulhosa e sorridente.

Durante meses ela fingiu suportar a situação. Nem para Paul ela soube como falar sobre a vergonha que sentia. Como se sentia morrer por não ter nada diferente para contar além das bobagens das crianças e das conversas entre desconhecidos que ela espiava no supermercado. Começou a recusar todos os convites para jantar, a não responder mais aos telefonemas dos amigos. Desconfiava sobretudo das mulheres, que podiam ser tão cruéis. Tinha vontade de estrangular as que diziam admirá-la ou, pior, invejá-la. Não suportava mais ouvi-las se queixar de seus trabalhos, de não ver os filhos o suficiente. Mais que tudo, ela temia os desconhecidos. Os que perguntavam inocentemente com que ela trabalhava e se constrangiam à menção de uma vida no lar.

Um dia, fazendo compras no Monoprix do boulevard Saint-Denis, ela percebeu que tinha sem querer furtado umas meias de crianças, esquecidas no carrinho de bebê. Ela estava a alguns metros de casa e poderia ter voltado à loja para devolvê-las, mas desistiu. Não contou isso para Paul. Não tinha nenhuma importância, mas ela não conseguia parar de pensar no assunto. Regularmente, depois desse episódio, ia ao Monoprix e escondia no carrinho do filho um xampu, um creme ou um batom que não ia pagar. Sabia muito bem que, se a pegassem, bastaria fazer o papel de mãe sobrecarregada e, sem dúvida, acreditariam na sua boa-fé. Esses voos ridículos a deixavam em transe. Ria sozinha na rua, com a impressão de caçoar do mundo inteiro.

Quando reencontrou Pascal por acaso, viu isso como um sinal. Seu antigo colega de faculdade de Direito não a reconheceu

de imediato: ela usava uma calça larga demais, botas velhas e estava com os cabelos sujos presos em um coque. Myriam estava de pé, na frente do carrossel do qual Mila se recusava a descer.

— É a última volta — ela repetia a cada vez que a filha, agarrada a seu cavalo, passava na frente dela e acenava.

Levantou os olhos: Pascal sorria, os braços abertos para demonstrar alegria e surpresa. Ela devolveu o sorriso, as mãos agarrando o carrinho. Pascal não tinha muito tempo, mas por sorte seu compromisso era do lado da casa de Myriam.

— Eu tinha que voltar pra casa de qualquer jeito. Vamos juntos? — ela propôs.

Myriam se jogou sobre Mila, que soltou gritos estridentes. Ela se recusava a ir embora, e Myriam teimava em sorrir, fazendo de conta que controlava a situação. Ela não parava de pensar na velha blusa de gola puída que vestia sob o casaco e que Pascal devia ter notado. Passava a mão freneticamente nas têmporas, como se isso fosse suficiente para pôr em ordem os cabelos secos e emaranhados. Pascal parecia não perceber nada. Falou do escritório que tinha aberto com dois colegas da faculdade, das dificuldades e alegrias de ser seu próprio chefe. Ela bebia suas palavras. Mila não parava de interrompê-la, e Myriam teria dado qualquer coisa para ela se calar. Sem abandonar o olhar de Pascal, mexeu nos bolsos, na bolsa, em busca de uma chupeta, uma bala, qualquer coisa que garantisse o silêncio da filha.

Pascal mal olhou as crianças. Não perguntou seus nomes. Nem Adam, dormindo no carrinho, com o rosto calmo e adorável, o enterneceu ou emocionou.

— É aqui.

Pascal a beijou no rosto. Disse:

— Fiquei muito feliz em te ver.

E entrou em um prédio com uma porta azul pesada que, ao bater, assustou Myriam. Ela começou a rezar em silêncio. Ali, na rua, estava tão desesperada que poderia se sentar no chão e chorar. Queria se agarrar à perna de Pascal, implorar para levá-la com ele, para lhe dar uma chance. Voltando para casa, sentia-se completamente abatida. Olhou Mila, que brincava tranquila. Deu banho no bebê e disse a si mesma que aquela felicidade simples, muda, prisional, não era suficiente para consolá-la. Pascal, sem dúvida, devia ter rido dela. Talvez tivesse até telefonado para antigos colegas da faculdade para contar a vida patética de Myriam, que “não é mais a mesma”, que “não teve a carreira que a gente pensava que teria”.

Durante toda a noite, conversas imaginárias roeram seu espírito. No dia seguinte, ela tinha acabado de sair do banho quando ouviu o som de uma mensagem chegando. “Não sei se você pensa em voltar para o Direito. Se te interessar, podemos conversar.” Myriam só faltou gritar de alegria. Pôs-se a pular pelo apartamento e abraçou Mila, que dizia:

— O que foi, mamãe? Por que você está rindo?

Mais tarde, Myriam se perguntou se Pascal tinha percebido seu desespero ou se tinha apenas considerado um golpe de sorte topar com Myriam Charfa, a estudante mais séria que ele já tinha encontrado. Talvez ele tenha pensado que era abençoado por poder contratar uma mulher como ela, recolocá-la no caminho dos tribunais.

Myriam falou com Paul e ficou decepcionada com sua reação. Ele deu de ombros.

— Eu não sabia que você tinha vontade de trabalhar.

Isso a deixou irritada, mais do que deveria. A conversa se inflamou rápido. Ela o chamou de egoísta, ele considerou o comportamento dela inconsequente.

— Você vai trabalhar, tudo bem, mas o que a gente faz com as crianças?

Ele ironizava, fazendo as ambições dela parecerem ridículas, dando ainda mais a impressão de que ela estava aprisionada naquele apartamento.

Depois de se acalmarem, estudaram as opções com paciência. Era fim de janeiro: nem valia a pena procurar vaga em creche ou berçário. Eles não conheciam ninguém na prefeitura. E, se ela voltasse a trabalhar, eles ficariam na faixa salarial mais perversa: ricos demais para solicitar um auxílio do governo e pobres demais para que a contratação de uma babá não representasse um sacrifício. Mas essa foi, finalmente, a solução que escolheram, depois que Paul afirmou:

— Contando as horas extras, a babá e você vão ganhar mais ou menos a mesma coisa. Mas, enfim, se você acha que isso pode te distrair...

Myriam guardou um gosto amargo dessa discussão. Ficou magoada com Paul.

Ela quis fazer as coisas direito. Para garantir, foi a uma agência que acabara de abrir no bairro. Um escritório pequeno, decorado com simplicidade, mantido por duas jovens de uns trinta anos. A fachada, pintada de azul-bebê, estava enfeitada com estrelas e pequenos dromedários dourados. Myriam tocou a campainha. Através da vidraça, a dona a mediu. Levantou-se lentamente e passou a cabeça pela fresta da porta.

— Sim?

— Bom dia.

— Você veio se cadastrar? Precisamos de um dossiê completo. Currículo e referências assinadas pelos seus antigos empregadores.

— Não, não é isso. Eu vim por causa dos meus filhos. Estou procurando uma babá.

O rosto da moça se transformou por completo. Pareceu contente por receber uma cliente e, por isso, envergonhada por sua atitude. Mas como ela poderia ter pensado que essa mulher cansada, com cabelos duros e encaracolados, era a mãe da menina bonitinha que choramingava na calçada?

A gerente abriu um grande catálogo sobre o qual Myriam se debruçou.

— Sente-se — ela disse.

Dezenas de fotografias de mulheres, a maioria africanas ou filipinas, desfilavam diante dos olhos de Myriam. Mila se divertia. Dizia:

— Essa aqui é feia, né?

Sua mãe a repreendia e ela voltava tristinha para os retratos sem foco ou mal enquadrados nos quais nenhuma mulher sorria.

Não tinha gostado da gerente. Sua hipocrisia, seu rosto redondo e corado, seu lenço puído em volta do pescoço. Seu racismo, evidente à primeira vista. Tudo lhe dava vontade de fugir. Myriam se despediu dela. Prometeu que falaria com o marido e nunca mais voltou. Em vez disso, foi ela mesma colocar um pequeno anúncio nas lojas do bairro. Aconselhada por uma amiga, inundou a internet com anúncios onde se lia URGENTE. Em uma semana, eles receberam seis telefonemas.

Ela aguarda essa babá como ao Messias, mesmo aterrorizada com a ideia de deixar os filhos. Conhece tudo sobre eles e queria guardar esse conhecimento para si. Sabe seus gostos, suas manias. Adivinha logo quando um deles está doente ou triste. Nunca tirou os olhos deles, convencida de que ninguém poderia protegê-los tão bem quanto ela.

Desde que nasceram, ela tem medo de tudo. Tem, acima de qualquer coisa, medo de que eles morram. Nunca fala disso, nem aos amigos nem a Paul, mas está certa de que todos pensam o mesmo. Tem certeza de que, assim como com ela, já aconteceu de se perguntarem, enquanto olham para os filhos dormindo, o que sentiriam se aquele corpo fosse um cadáver, se seus olhos fechados ficassem assim para sempre. Cenas atrozes se esboçavam, cenas que ela afastava balançando a cabeça, recitando orações, batendo na madeira e na hamsá que tinha herdado de sua mãe. Afasta o mau-olhado, a doença, os acidentes, os apetites perversos dos predadores. Sonha, à noite, com seu desaparecimento repentino no meio de uma multidão indiferente. Grita “Onde estão meus filhos?” e as pessoas riem. Pensam que ela está louca.